

GEOGRAFIA E LITERATURA - MONTEIRO LOBATO E AS HISTÓRIAS¹ DO MUNDO PARA CRIANÇAS EM: COMO O NOSSO MUNDO COMEÇOU.

LIMA, Angélica Macedo Lozano: Discente do Programa de Pós – Graduação em Geografia, Mestrado, UFPR - Universidade Federal do Paraná. gelihozano@yahoo.com.br

LIMA, José Antonio Santos: Discente da Graduação em Pedagogia - UFPR - Universidade Federal do Paraná. joseaslima@yahoo.com.br

Resumo:

Este trabalho apresenta reflexões e resultados sobre a prática do ensino em Geografia considerando a sua abordagem Cultural. Mostra uma síntese desta abordagem e a importância do uso de diversas linguagens como a literatura e o cinema, por exemplo, pelo professor na sala de aula. Em seguida mostra em sete etapas como ocorreu/procedeu a experiência com alunos de 5º série do Ensino Fundamental em uma escola da rede pública estadual do Paraná, apresentando resultados finais.

Palavras-chave: Geografia, literatura, ensino, prática docente.

Abstract:

This work presents reflections and results on practical of education in Geography considering its Cultural boarding. It shows a synthesis of the boarding and the importance of the use of diverse languages as literature and the cinema, for example, for the professor in the classroom. After that it shows in seven stages as series of Basic Ensino in a school of the net occurred/proceeded the experience with pupils from 5º publishes state of the Paraná, presenting resulted final.

Key words: Geography, literature, education, practical in classroom

INTRODUÇÃO

Este estudo apresenta reflexões e resultados sobre a pratica do ensino em Geografia considerando em sua abordagem cultural o uso da literatura, entre outras linguagens.

¹ O título original: **História do Mundo para as Crianças**, é um livro infantil de Monteiro Lobato, publicado em 1933.

Nos debates que acontecem em diversas instituições de ensino superior, muito se questiona sobre a aplicação da Geografia Cultural com aportes humanistas e até fenomenológicos na prática da sala de aula.

Tendo em vista a importância da Geografia que se aprende na academia e a Geografia que se ensina na escola do ensino fundamental e médio, busca-se então respaldo em várias ferramentas que ora se apresentam para pôr essa Geografia Cultural em prática.

No processo de buscas, muitas “formas de ensinar” se mostraram favoráveis, entre elas, o desenho, o mapa mental, a música, o cinema e a literatura, entre outras. Aqui, ressalta-se a literatura como a principal ferramenta, apoiando-se em outras alternativas didáticas, já citadas para a experiência com alunos da 5ª série da Escola Estadual Ângelo Volpato, Curitiba, Paraná, 2007.

O universo infantil é mediado por relações de brincadeiras e fantasias. A Geografia Cultural se vale muitas vezes do imaginário para obter respostas concretas. Nesse trabalho, Monteiro Lobato vem agregar o conteúdo literário, imaginário e dos sonhos, na prática do ensino de Geografia. Utilizando-se das construções mentais dos alunos, o professor torna-se o mediador das relações de apreensão dos conteúdos sistematizados cientificamente, através de contos que as personagens apresentam ou vivenciam.

No universo fantástico das personagens de Monteiro Lobato, o tema: Como o nosso mundo começou, que mostra a origem da Terra, é apresentado na sala de Jantar, por Dona Benta, aos seus netos, que acompanham a narrativa e ao mesmo tempo, em diversos trechos, se tornam narradores de forma teatral e imaginária. Esse mundo fantasioso se integra totalmente no mundo das crianças, por conter nas suas linhas, palavras ditas de forma simples, como as crianças gostam, por isso, escolhido para esse estudo².

O estudo apresenta uma proposta metodológica para um conteúdo de Geografia específico – (A origem e evolução do Sistema Solar e da Terra), mostrando algumas ferramentas operacionais que o professor pode utilizar em sala de aula para mediar o processo ensino-aprendizagem, fortalecendo a abordagem Cultural da Geografia e o uso de “outras linguagens” na prática docente.

² Optou-se por fornecer apenas informações básicas sobre o texto de Monteiro Lobato, já que a intenção nesse trabalho é o seu uso como ferramenta metodológica e não a sua apresentação detalhada.

A EDUCAÇÃO E O ENSINO: A GEOGRAFIA NA ESCOLA

A transmissão de conhecimentos ocorre desde os tempos mais antigos e, eram fundamentais para a sobrevivência da espécie humana. Os grupos primitivos, baseados na vida familiar ou grupal, transmitiam os conhecimentos necessários, como a caça, a proteção, entre si.

Com a evolução natural ao longo do tempo, criaram-se diferentes métodos de produzir e transmitir o conhecimento e a formação da criança tornou-se “educação”. A educação, segundo Luzuriaga (1969), é uma forma sistemática e intencional que tem como propósito, formar e desenvolver um ser humano, desde a mais tenra idade, sendo ela parte integrante da vida do homem e da sociedade. Pode-se compreender, segundo esse autor, que o ensino faz parte da educação, esta, mais ampla, vai além da transmissão dos conhecimentos necessários à sobrevivência, mas, envolve a própria formação da consciência humana.

Desde as idéias gregas, com os Sofistas, que pregavam a educação para a vida pública e política, passando pela época feudal, quando a igreja se baseava no antigo testamento para conduzir e orientar a educação, (LUZURIAGA, 1969), até hoje, no mundo considerado globalizado, articula-se uma forma de ensinar que se adapte a todas as mudanças pelas quais passa a sociedade durante sua história. Atualmente, prega-se a formação de cidadãos críticos, (SAVIANI, 2002), que saibam refletir e procurar soluções para seus problemas, como a grande desigualdade social, a devastação ambiental e o consumismo exagerado que provoca o desgaste dos recursos naturais indo até as mudanças climáticas, entre outros.

Nesse sentido, a Geografia, como ciência fundamental para o entendimento das relações do homem com o seu ambiente, foi modificando suas finalidades, de acordo com a época: desde o interesse em obter informações sobre rotas e lugares, recursos naturais e a dominação de imensos territórios, até tornar-se disciplina escolar, por volta do século XIX.

Como disciplina, os estudos geográficos têm como autores principais, Vidal de La Blache, da escola francesa e Rumboldt e Hitter, da escola alemã. Esses teóricos clássicos tinham por objetivo encontrar leis e princípios que tornassem a Geografia uma ciência. Dessa forma, ela avança em conceitos e teorias que vão nortear o ensino em muitos lugares, inclusive no Brasil. Nessa questão, os pressupostos dos autores clássicos, auxiliaram a organização de muitos conteúdos e de bibliografias para o ensino como materiais sobre

relevo brasileiro, por exemplo. Nesse caso, o território brasileiro, muito extenso e inóspito, pôde ser estudado através dessas influências, servindo para a fundamentação e solidificação do ensino dessa disciplina no Brasil.

Em face desse modelo, a Geografia ensinada no país, era baseada na descrição de dados, portanto as reflexões críticas acerca de tais dados ficavam relegadas a interpretações pessoais dos leitores, pois não havia essa preocupação. Dessa forma, a Geografia brasileira valorizou os aspectos físicos e os dados econômicos por muito tempo, enquanto a questão humana e a necessidade de inserir o contexto real dos alunos ao conteúdo científico que era (é) ensinado ficaram relegados ao segundo plano.

No que se refere à Geografia física e humana, há até hoje uma dicotomia acentuada. Atualmente, busca-se superar essa divisão e, a Geografia Cultural pode auxiliar na quebra dessas barreiras.

Segundo Callai, (1995, p.27) em vários países não só houve predominância para as análises e os estudos mas também para o ensino da Geografia Física, pois seus métodos, mais precisos, definidos e estruturados, eram considerados mais científicos, portanto mais conceituados.

Com essa divisão, a Geografia entra no século XX e passa por momentos de evolução e de retorno às suas bases clássicas, busca apoio em outras ciências, como a Matemática na Geografia Quantitativa, que organizava toda a sua análise através de gráficos, tabelas e infinitos cálculos, ou a História ou a Filosofia/Sociologia, por exemplo, que entra com Carl Marx, passa pela Geografia Crítica, envolvendo aspectos sociais mas, com ênfase nas lutas de classe. Em cada momento, a disciplina tendeu para uma ou outra vertente, privilegiando um ou outro aspecto nas análises e no ensino.

Callai (1995) aponta que a Geografia ensinada nas escolas deve buscar a unidade entre as abordagens, pois no contexto real, aspectos físicos e humanos aparecem conjuntamente:

A grande questão é dar unidade ao estudo que é feito, buscando compreender-se a ação do homem no processo de construção do espaço. E este, não pode ser o espaço abstrato e amplo, mas deve ser o espaço concreto da vida do homem. (CALLAI, 1995, p.38)

Somente a partir de 1970, é que a Geografia (acadêmica) (re) começa a busca por inserir o aspecto humano nos estudos geográficos, mas, em muitos casos, o ensino continua pautado na Geografia decorada.

Ainda hoje, o que se vê, em muitas salas de aula, é a falta de atualização dos docentes, causada por muitas falhas, desde a formação do professor até as leis que regem o ensino no Brasil, ao longo da história, porém não cabem nessa discussão.

Na busca por outros caminhos para o ensino de Geografia, a abordagem Cultural vai ao encontro das novas necessidades do educando, propondo estudos que valorizem o próprio aluno como uma pessoa que tem algo a trocar como experiência, e não como um receptáculo, onde o professor “despeja conteúdos” e não valoriza os seus sentimentos, a sua vivência e os seus atos como cidadão.

A abordagem Cultural da Geografia dá margem ao professor para abrir-se a possibilidades muitas vezes apontadas como “utopias”. Maria L. S. Teles, em seu livro “Socorro é proibido brincar”, mostra que as crianças de “hoje” são privadas de seu direito de sonhar e brincar: “a responsabilidade da vida começa bem cedo para elas e pode ser simbolizada pela pesada mochila, que carregam nas costas, ainda tão novas!” (1999, p.10).

Considerando essa necessidade, como o ensino de Geografia pode auxiliar no desenvolvimento de crianças a fim de que tenham uma reflexão crítica acerca dos fatos da vida, brinquem, divirtam-se e aprendam ao mesmo tempo?

Aproveitando os fatos da cultura, a Geografia volta a encontrar respostas que há muito ficaram para trás.

Paul Claval³ (1999) mostra a evolução da Geografia Cultural desde o período clássico até as escolas mais modernas, quando se passa de uma fase a outra, evidenciando as mudanças que ocorreram nos estudos geográficos. Essas fases vão desde os estudos dos artefatos e técnicas, que os grupos humanos utilizavam para sobreviver, a sua decadência como forma de pesquisa e sua reconstrução como abordagem teórica, que envereda pelos estudos dos signos, símbolos, sentimentos, representações mentais e gráficas: vislumbram-se horizontes pertinentes que podem e devem ser aproveitadas nas salas de aula.

³ Para um aprofundamento de leitura nesse tema: CLAVAL, Paul. **A geografia cultural**. Florianópolis : Ed.UFSC, 1999.

Se no século XIX, os artefatos, as técnicas e os utensílios podiam ser úteis para o entendimento das relações e das sociedades humanas, hoje os meios de comunicação, incluindo-se a oralidade, a escrita, as artes (áudio e visuais), entre outras, podem contribuir para o entendimento, aprendizado e a formação do homem, pois continuam sendo “objetos da sua cultura”. Nesse sentido, Claval (1999) aponta a literatura, como um caminho seguro a ser percorrido pela Geografia: “O romance torna-se algumas vezes um documento: a intuição sutil dos romancistas nos ajuda a perceber a região pelos olhos de seus personagens e através de suas emoções”. Desse modo, escolhe-se o primeiro capítulo – Como o nosso mundo começou - do livro “História do mundo para crianças”, 1933 de Monteiro Lobato para este estudo.

Solange T. de Lima (2000), mostra a literatura como um campo rico para os estudos geográficos:

O conhecimento dos lugares, ainda que somente de modo conceitual, adquirido pela leitura das obras literárias, não deixa de ser uma forma de experienciar as diversas faces do espaço. Através do contexto dos romances, por exemplo, o espaço de uma determinada localidade deixa de ser amorfo, para adquirir uma aura de significados muito especiais que nos sensibilizam e influenciam nossas atitudes ambientais. (LIMA, 2000, p.31).

Sendo assim, essa autora ensina que os geógrafos podem extrair da literatura, uma grande quantidade de informações e mensagens, que embora possam parecer subjetivas, apresentam sob outros “olhos”, a realidade, a experiência e os significados de um lugar estimulando e desenvolvendo o conhecimento através da sensibilidade e das representações mentais.

De acordo com os (PCNs, 1997), Parâmetros Curriculares Nacionais, a utilização das diferentes linguagens - verbal, musical, matemática, gráfica, plástica e corporal - é um meio para o educando adquirir/aumentar o conhecimento, produzir, expressar e comunicar suas idéias.

Com o uso de tais linguagens ele poderá interpretar e usufruir as produções culturais de seu tempo e de outros tempos, além de aprender a utilizá-las como diferentes fontes de informação/pesquisa. Os demais recursos tecnológicos, como o computador/Internet, o cinema, a televisão, contribuem para melhorar e construir conhecimentos, indo, dessa forma, ao encontro da nova realidade que está posta, pois o aluno consegue questionar a realidade, formular e resolver problemas, utilizando, para isso, tanto o pensamento lógico,

a criatividade, a intuição, como a capacidade de análise crítica, tudo isso, mediado pela ação do professor em sala de aula.

Assim, se pensou nas outras ferramentas utilizadas como método para este estudo, o cinema foi um item escolhido e o filme destacado é *Fantasia*⁴, 1940, de Walt Disney. Extremamente importante na arte, esse filme apresenta mais de duas horas de imagens e música clássica, sendo que nesse estudo, um pequeno fragmento de aproximadamente vinte minutos é apresentado aos alunos: (a Sagração, que mostra a evolução da Terra), ficando como sugestão o filme completo para outros diversos conteúdos.

O filme em sala de aula é uma grande ferramenta de apoio, pois possibilita a construção de ligações entre a imagem e o “conhecimento anterior”.

O filme deve ser inserido naquilo que se pretende trabalhar, em um processo de buscas de interpretações com base em referências como o saber escolar e o saber do mundo. Estabelecer mediações sobre as relações entre o encenado e a vida cotidiana, entre a fantasia e a realidade, entre o que é revelado e o ocultado, e entre o observado e o observador. (CAMPOS, 2006 p. 13)

Campos, aconselha que se tenha sempre em mente a não neutralidade de todo filme e que este não seja uma mera “distração”, mas que o professor saiba contextualizar imagem/realidade/conteúdo, pois senão, o mesmo se torna mais uma fórmula inútil de “passar o tempo”, como mostra a seguir: “Há necessidade de se trabalhar com a imagem cinematográfica, de incluí-la em planejamento, mas também é preciso ter como foco criar condições para que se estabeleça uma visão crítica sobre a *sociedade do espetáculo*, sobre a visão etnocêntrica e ideológica, sobre o papel de muitos filmes”. (CAMPOS, 2006 p. 4).

Dessa forma, ficam as sugestões de se trabalhar com outras linguagens, que não somente a aula expositiva, importante também, mas enriquecida com outro colorido, como se mostra a seguir: “o professor tem condição de se utilizar da poesia, da música, das histórias em quadrinhos” (MATE, 2007, p. 10), na sala de aula. Para isso, basta um pouco de coragem

⁴ “*Fantasia* (1940) de Walt Disney, não é apenas um filme de animação de irresistível efeito sobre seu público. Muito mais do que simplesmente utilizar recursos próprios da linguagem do cinema e da animação cinematográfica para obter um deliciaimento estético, ele também exerce um certo fascínio irrepreensível que poucos outros desenhos animados da mesma categoria conseguem: a estranha sensação de, após assisti-lo, termos visto música e ouvido imagens.” (SALLES, 2001, p. 1), destacando que não é intenção apresentar detalhes sobre o filme, pois o estudo apenas o apresenta como mais uma ferramenta para o ensino.

para “vestir com nova roupagem” o modelo que não mais atende a todas as necessidades da atualidade, incrementando as aulas, tornando-as mais alegres, agradáveis e divertidas.

Para esse estudo, foi escolhido o texto “como o nosso mundo começou” - primeiro capítulo do livro “História do mundo para crianças, 1933 de Monteiro Lobato e o fragmento “A sagração” do filme Fantasia⁵, 1940 de Walt Disney como apoio, além de desenhos, leitura, fichamento e cartaz.

Este tema/conteúdo, de acordo com o livro didático adotado na escola, pode fazer parte de conteúdos de 5º a 8º séries do Ensino Fundamental, sendo mais comum encontrá-lo nos livros para as 5º séries, de forma introdutória e de 7º série, de forma mais aprofundada. O conteúdo apresentado/trabalhado é a origem e evolução do universo e da Terra, proposto para uma 5º série. O tempo previsto para a execução desse trabalho é de cinco a seis aulas de cinquenta minutos e pode ser adaptado à necessidade do professor. Como objetivo geral, o tema deve levar o aluno a compreender a evolução da Terra e as mudanças pelas quais passou, assimilando para isso, em etapas iniciais, o caráter dinâmico do planeta e, principalmente, diante da diversidade e quantidade de mudanças, interpretar e compreender o significado desses períodos para a formação da vida no planeta e sua manutenção futura, relacionando-as inclusive com as mudanças provocadas pelas ações humanas. Entre os objetivos específicos no caso desse estudo, é esperado que os alunos compreendam as diferentes explicações das teorias científicas/ou não apresentadas.

ETAPAS E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A maratona de idéias inicia a aula, quando os alunos apresentam o que sabem ou imaginam sobre o tema. O professor interfere quantas vezes for necessário. Os próximos passos das aulas são apresentados em 7 etapas, conforme ocorreu na experiência:

- 1- leitura individual e em voz alta, do texto citado, parágrafo por parágrafo, pelos alunos.

Com uma turma reduzida é possível colocá-los em círculo, já com mais de 40 alunos, é aconselhável que se mantenham na fileira tradicional, pois a maioria das salas não comporta um círculo para mais de 30 alunos. Esta etapa é fundamental, pois o professor

⁵ Ter o cuidado de não confundir o Filme Fantasia de 1940 com o segundo filme: Fantasia 2000.

consegue identificar quais alunos avançaram na leitura oral, compreensão das palavras, etc. Importante ressaltar a interferência do professor quando o aluno erra na leitura, fazendo a correção e pedindo para o aluno repetir, de forma natural, para que o mesmo não se sinta inferiorizado por “ter errado na leitura”, mostrando que todos estão ainda em fase de aprendizado, portanto ninguém é dotado de “saber tudo”. É importante que a leitura se faça em duas aulas, pois é surpreendente verificar que na próxima aula, muitos alunos cobram: “professora, eu ainda não li”, ou “professora, eu posso ler mais um parágrafo?”

2- Apresentam-se fotos ou imagens do planeta Terra, dos outros planetas.

Os alunos sempre sabem muitas coisas a respeito dos planetas e da Terra, é importante explorar isso.

3- A partir da leitura, os alunos procedem ao “fichamento do texto do Monteiro Lobato”, uma parte em sala e a conclusão para casa.

Esse “fichamento” deve ter sido trabalhado antecipadamente. É um fichamento simplificado onde se explica como se faz, passando as etapas no quadro:

- a) escreve-se o título do texto no caderno;
- b) enumera-se cada parágrafo;
- c) faz-se a leitura do texto inteiro;
- d) faz-se a leitura por parágrafo, anotando-se no caderno, o número do parágrafo e o seu entendimento, destacando as palavras desconhecidas para buscar no dicionário;
- e) o professor faz a correção e o ajuste do fichamento em voz alta e no quadro, para o entendimento do texto por todos. Parte desse fichamento deve ser feito como tarefa para casa devido ao tempo de cada aula.

4- Complementam-se as informações dos livros didáticos com outros textos, de acordo com a necessidade dos alunos e do próprio livro, que geralmente vem muito resumido. Ressalta-se que o texto literário complementa a aula, o conteúdo do

planejamento neste conteúdo deve ser apresentado normalmente, paralelamente ao texto de Lobato.

É aconselhável que o professor tenha em mente que as diferenças culturais de seus alunos vão aparecer, por isso, deve buscar respaldo também na Bíblia para apresentar outras visões sobre a origem do universo/evolução da Terra, pois muitos alunos pertencem a diversas religiões e não aceitam as teorias científicas. Deve-se explicar muito bem o que é teoria, qual a diferença entre diversos autores sobre o mesmo tema, apresentá-las e falar da Bíblia, deixando claro que todas as opiniões são respeitadas e não há imposição de idéias. Há alunos de determinadas religiões que podem se recusar a escrever sobre as teorias científicas.

Nesse caso, a experiência mostrou que alguns alunos levantam imediatamente a questão religiosa quando se apresenta a teoria científica. A questão da evolução das espécies e do homem principalmente deve ser conduzida com respeito e muita segurança pelo professor. Os alunos debatem e discutem bastante sobre esse tema. A solução encontrada nessa experiência foi deixar os alunos se expressarem e com a intervenção do professor, mostrar as diferenças entre a explicação da Bíblia e a da ciência, depois, na confecção do cartaz, alguns alunos se sentiram com a liberdade de expressar as versões religiosas e científicas.

5- Apoiando-se novamente no imaginário, o professor apresenta o fragmento do filme citado. Nessa etapa, os alunos devem levar à sala de vídeo, apenas um caderno e um lápis. Pede-se que os mesmos anotem no papel tudo o que observarem nas imagens. Se houver dúvidas, pára-se o filme e explica-se: anote o que aparece em cada cena, se aparece uma estrela, escreva: estrela, se aparece o Sol escreva: Sol. Deixa-se, então, que eles leiam aquilo que anotaram ao final do filme. O resultado é surpreendente, tanto pela música⁶, quanto pela imagem cinematográfica, que é abordada aqui de forma introdutória.

⁶ A questão musical em Geografia não é o tema principal nesse estudo, que dá ênfase em literatura, mas é um recurso sempre interessante.

- 6- O exercício para esse conteúdo é proposto em “quadrinhos”. Monta-se no computador e até no mimeógrafo, (muito utilizado, ainda, nas escolas, devido à carência de tinta para o computador), os quadrinhos vazios com a legenda, (anexo A), os alunos completam, livremente, com desenhos e pinturas. O professor valoriza a idéia e não o desenho em si ou a pintura.

A etapa final é a construção de um cartaz da seguinte forma: O trabalho deverá ser feito pelos alunos, em grupos, (ou individualmente, quando for o caso de proibição por parte dos pais), em casa, sem a opinião do professor que vai propor apenas o seguinte: ler novamente o texto “como o nosso mundo começou” de Monteiro Lobato e representar com desenhos, colagens/figuras e frases curtas tudo o que leu. A única exigência do professor: não poderá conter texto, apenas frases curtas, desenhos ou colagens, ou os desenhos e as colagens sem nenhuma frase ou texto. Cada cartaz é uma surpresa. Os grupos apresentam seu cartaz na sala de aula, encerrando o tema.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A metodologia aqui apresentada complementa o conteúdo, que deve ser apresentado conjuntamente e não de forma fragmentada. Serve como reflexão e ponto de partida para o uso de outras linguagens e põe em prática a Geografia Cultural na sala de aula. Não é uma proposta como uma receita “mágica” que mostre resultados com todos os alunos, mas pode ser (re) adequada e (re) adaptada às diversas necessidades do professor, que, de acordo com sua criatividade, adiciona ou retira “ingredientes”, caso a caso, tema a tema. Ela apenas proporciona momentos diferentes na sala de aula, enriquecendo-a, fazendo da sala um lugar onde o aluno também se expresse de forma natural e apreenda os conteúdos científicos com o apoio de ferramentas tradicionais e (re) inovadas no ensino de Geografia.

É sempre importante que o professor tenha em mente as diversas possibilidades de utilizar todas as ferramentas de apoio que se apresentem favoráveis, como o desenho à mão, por exemplo que é usado nesta metodologia. É pertinente frisar que o (desenho livre) é muito bem vindo e o professor deverá incentivar todo tipo de desenho, valorando “a expressão” e não somente a beleza estética do desenho, mas, aquilo que está impresso nos signos que o

aluno quer representar no papel, já que muitas vezes não teve a oportunidade de desenvolver suas habilidades artísticas. Portanto, inclusive as cores escolhidas pelo aluno devem ser respeitadas. O cartaz será outro procedimento metodológico que o aluno constrói.

A apresentação final e a exposição ou a colagem nos murais podem culminar com o encerramento deste trabalho. Por fim, destaca-se que não se apresentam neste estudo, os cartazes e os desenhos dos alunos com os quais essa experiência foi feita para que cada professor veja os (seus) resultados que essa prática proporciona, sem qualquer influência, usando apenas a criatividade dos seus alunos.

A partir dessa experiência, considera-se que o aluno possui uma grande quantidade de informações que lhes chegam de várias formas: televisão, Internet, revista, jornal, vivência. Essas devem ser aproveitadas na sala de aula, pois com toda a tecnologia presente, é possível trazer para o ambiente escolar, formas de ensinar/aprender que misturam tecnologia/tradição, uma apoiando a outra, pois não são excludentes.

Após essa experiência em 2007, com alunos de 5º série em escola da rede pública estadual do Paraná, a grande diferença é notada não só pelo professor, mas por todos os outros colegas de trabalho e pelas atitudes dos alunos, que demonstraram gostar muito mais da disciplina de Geografia, melhorando sua atenção e participação nas aulas.

Hoje, na sala de aula, o professor de Geografia, baseado nos conteúdos teóricos e metodológicos da Geografia Cultural, pode usar a sensibilidade, a criatividade e o conteúdo científico, que dão o tom das novas aulas de Geografia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEE, 1997.

CALLAI, H. C. **Geografia: um certo espaço, uma certa aprendizagem**. São Paulo: FFLCH, 1995

CAMPOS, R. R. Cinema, geografia e sala de aula: **Cadernos Geográficos**, Rio Claro, 4(1): 1-22, Junho, acesso em: 20/04/2007
disponível em: www.rc.unesp.br/igce/grad/geografia/revista.htm

CLAVAL, Paul. **A geografia cultural**. Florianópolis : Ed.UFSC, 1999.

LIMA, S. T. Geografia e literatura: alguns pontos sobre a percepção da paisagem: Geosul, Florianópolis, v.15, n.30, p. 7-33, jul./dez. 2000

LOBATO, M. **História do Mundo para as Crianças**, Brasiliense, São Paulo, s/d

LUZURIAGA, L. **História da educação e da pedagogia**. Companhia Editora Nacional: São Paulo, 1969

MATE, C. H. Ensine com outras linguagens: **Aprende Brasil**, Editora Positivo, n.14 - ano 3: p.10-11, Curitiba, dez.2006/jan.2007

SALLES, F. **Imagens musicais ou música visual**: Um estudo sobre as afinidades entre o som e a imagem, baseado no filme *Fantasia* (1940) de Walt Disney: Pontifícia Universidade Católica São Paulo, 2002. Dissertação (mestrado em comunicação e semiótica) – meio digital, disponível em: www.mnemocine.com.br/filipe/tesemestrado/teseapresent.htm acesso em: 30/04/2007

SAVIANI, D. **Escola e democracia**. 33ª edição, Autores Associados, Campinas - São Paulo, 2002

TELES. M. L. S. **Socorro! É proibido brincar**. Vozes, Petrópolis, 1999

VIDEOGRAFIA

FANTASIA. Walt Disney. Home Vídeo/Abril Vídeo, s/d, (filme original data de 1940) son., color.

ANEXO A

Abaixo se apresenta o modelo do exercício em quadrinho, proposto para ser feito individualmente. Os quadrinhos foram retirados, de modo que estão presentes apenas as legendas enumeradas. Os quadrinhos podem ser montados no computador ou na folha para mimeógrafo que é feita manualmente, dependendo das condições da escola. Foram feitos testes com as duas possibilidades e ambas pareceram favoráveis ao uso.

ATIVIDADE DE GEOGRAFIA: A TERRA: ORIGEM E EVOLUÇÃO – 2º bimestre
NOME.....N.....5º.....DATA...../...../2007

A) Elabore os desenhos nos quadrinhos de acordo com as legendas. Faça as pinturas se achar conveniente.

1 -Acontece o BIG BANG

2- E o Planeta Terra está muito...muito quente. Por causa das explosões, bolas de fogo caem para todos os lados. Tudo ainda é muito quente.

3- A Terra foi esfriando lentamente e formando uma fina camada, “A superfície da Terra! ”

4- Conforme foi esfriando, gases e vapores subiam, formando muitas nuvens de chuva .
Vulcões despejavam lavas em erupção a todo o momento !!!!

5- A chuva cai em abundância e formam-se muitos rios, lagos e oceanos. Muitos vulcões ainda explodem.

6- Nessas águas nascem as primeiras formas de vida: algas, bactérias, estrelas-do-mar, caracóis !!!

7- Surgem primeiras plantas !!

8- Nascem dinossauros e outros tipos de plantas !

9- Surgem os mamíferos e mais tarde surgem os primeiros seres humanos.

Esses são os textos das legendas utilizadas na experiência. A opção de pintar ou não é importante, mas a maioria dos alunos prefere pintar, entretanto, muitos alunos deixam seus desenhos a lápis e o efeito também é interessante. A maioria das meninas gosta de pintar, entre os meninos, há uma porcentagem pequena que prefere deixar sem a pintura.